



LAZER NA NATUREZA E HEGEMONIA DOS HOMENS PRATICANTES DE *MOUNTAIN BIKE* NO INTERIOR DE MINAS GERAIS

Fabiana Duarte e Silva¹
Francielle Pereira Santos²
Ludmila Nunes Mourão³

Introdução

Este relato teve como objetivo investigar os praticantes de *mountain bike* (MTB) do município de Juiz de Fora. O estudo contempla uma abordagem qualitativa do tipo descritivo, baseado no modelo metodológico e epistemológico que alia os fundamentos da “*Action Network Theory*” (ANT), à autoetnografia (ARRUDA, 2012).

O MTB é uma das modalidades do ciclismo, praticada em estradas de terra, trilhas e montanhas, com bicicleta apropriada. Neste estudo, optou-se por trabalhar com a terminologia “*bikers*” ao fazermos referência aos (às) praticantes, à medida que existem outros esportes que utilizam a bicicleta como instrumento e seus praticantes são chamados de ciclistas.

O MTB é considerado um esporte de aventura. Esses esportes contam com a participação hegemônica dos homens e são percebidos geralmente como masculinos, pelo estilo dos praticantes, pelas características das vestimentas, expressões e jargões (ANDERSON, 1999; FORD; BROWN, 2006; THORPE, 2005).

Procurei reunir as informações aqui apresentadas por meio de *modus operandi* que Malinowski (1978) convencionou chamar de “observação participante” apurando o imbricamento deste olhar que se faz como praticante de esporte de aventura e pesquisadora. Os relatos, coletados por meio de diário de campo, foram de trinta e dois dias de treinos, realizados entre agosto e outubro de 2015, na cidade de Juiz de Fora⁴.

¹ Mestranda, Universidade Federal de Juiz de Fora, fabiduartes@hotmail.com.


² Mestra, Universidade Federal de Juiz de Fora, franpereiras@hotmail.com

³ Doutora, Universidade Federal de Juiz de Fora, mouraoln@gmail.com

⁴ Juiz de Fora é uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, pertencente à região da Zona da Mata.

Localiza-se à cerca de 283quilômetros à sudeste de Belo Horizonte, capital do estado (Wikipédia. Disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Juiz_de_Fora).





Dentro da Trilha: Os (as) *Bikers* de Juiz de Fora

Observei, neste período, cerca de 30 *bikers*. A maioria é de homem (90%), de classe média e alta, moradores de bairros nobres da cidade, na faixa etária de 35 anos e normalmente pedalam em grupos. Alguns grupos são de consultorias esportivas, onde o (a) ciclista paga para treinar com um “*personalbiker*”⁵.

Durante os treinos e passeios, observei que era comum tirar uma selfie⁶, que posteriormente era postada no Facebook. Segundo Heloisa Bruhns, nos esportes ligados à natureza:

[...] percebe-se uma tendência à estetização dos gestos esportivos dentro de certo refinamento de suas exibições, composto numa imagem com a natureza muitas vezes exuberante, numa espetacularização. E, em meio ao prazer da prática, um outro se manifesta, ou seja, o prazer de ser visto, sensivelmente notado nos praticantes (BRUHNS, 1999 p. 22).

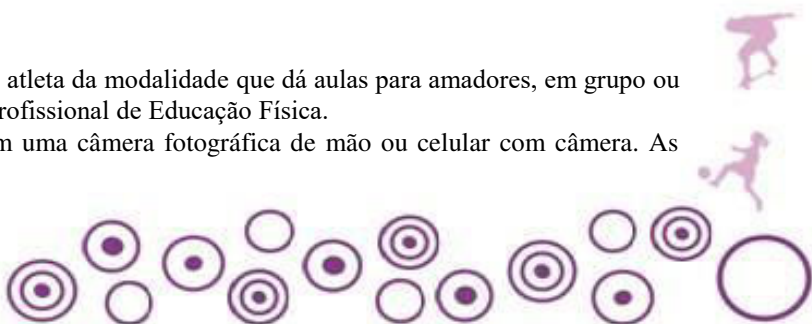
As mulheres pedalam, normalmente, nos grupos de consultoria, em outros grupos, ou na companhia de *personal bikers*. Raramente são vistas sozinhas. Eu costumava pedalar sozinha e, muitas vezes, esse fato foi visto com estranheza no meio e fora dele. De fato, mulheres praticantes de esportes de aventura enfrentam preconceitos que podem dificultar sua inserção e permanência no esporte, como por exemplo, a visão do feminino como um gênero mais vulnerável à violência. Esse tipo de discurso reforça o estereótipo de fragilidade, comumente associado às mulheres, desencorajando-as a se engajarem em atividades ao ar livre sem a companhia de um homem. Segundo Ludmila Mourão (2000), as mulheres ainda sofrem com avaliações negativas e restritivas relativas à preferência pelo espaço público do esporte.


Marília Bandeira, em estudo autoetnográfico no campo do surf universitário no estado de São Paulo, também percebeu que as mulheres eram minoria. E quando estavam presentes, eram comparadas com os homens: “[...]quando uma surfista de pranchinha apresentava performance ótima o elogio que se ouvia em muitas circunstâncias era: “Essa surfa que nem homem, essa é casca grossa!” (BANDEIRA, 2011 p. 105).

Assim como Marília, muitas vezes meu desempenho foi comparado com o dos homens, e desta forma, penso que fui aceita no meio por conta de “aguentar” a pedalar com eles, embora percebesse que o fato de ficar na frente de algum homem do grupo, gerava

⁵*PersonalBiker*, é um treinador físico, geralmente atleta da modalidade que dá aulas para amadores, em grupo ou individualmente, a maioria, além de ex-atleta, é profissional de Educação Física.

⁶ Selfie é um autorretrato, geralmente tirado com uma câmera fotográfica de mão ou celular com câmera. As selfies são comuns em redes sociais.





brincadeiras e críticas por parte dos outros integrantes para com o colega que ficou para trás: “Hoje tem gente que vai voltar pra casa triste, porque tomou *caiaba*⁷ da Fabi”.

Apesar de percebermos um aumento histórico na adesão das mulheres nos esportes de aventura, muitos autores observam que há razões importantes para examinarmos criticamente se as mulheres estão fazendo reais incursões nestes esportes. Thorpe (2005), por exemplo, discute que o progresso positivo das mulheres no *snowboard* é superficial, e que elas ainda são marginalizadas no meio. Já Beal (1996), descreve como os jovens no *skate* enfatizavam as diferenças entre os homens e as mulheres como justificativa para criar diferentes papéis para elas, sendo estes papéis inferiores. Kay e Laberge (2004), encontraram na Corrida de Aventura, uma forte ênfase no valor das habilidades de “equipe” das mulheres por exemplo, suporte emocional de outros membros da equipe, ou seja, papéis coadjuvantes.

Desta forma, percebemos que há contradições nas negociações de masculinidades e feminilidades nos esportes de aventura. Conquanto muitos desses esportes mostra alguma evidência de resistência a noções dominantes ou convencionais de masculinidade, seus praticantes também reproduzem construções de masculinidade hegemônica e patriarcado (LARENDEAU; SHARARA, 2008).

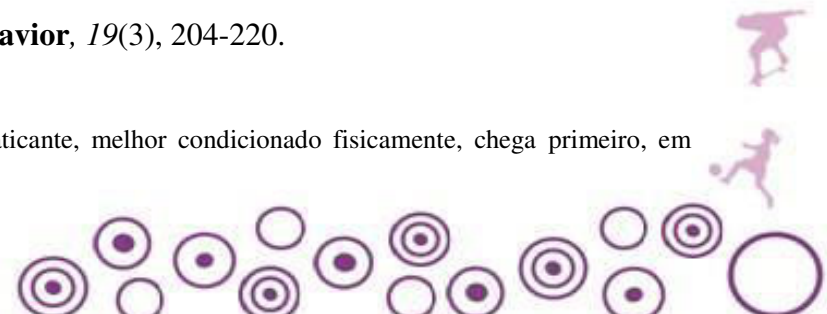
Considerações Finais

Nesta experiência autoetnográfica tive a oportunidade de refletir sobre uma prática esportiva que vem crescendo a cada dia na cidade. Os (as) *bikers* de Juiz de Fora, relatam que os principais motivos de praticar MTB são as sensações de liberdade e o prazer de estar em contato com a natureza, além de manter a saúde física e psíquica. Apesar do notório aumento da adesão das mulheres à atividade, o MTB ainda é de domínio dos homens.

Referências

- ANDERSON, K (1999) The construction of gender in an emerging sport. **Journal of Sport and Social Issues** 23(1): 55-79.
- ARRUDA, J. P. 2012. “Tese e Antítese. A autoetnografia como proposta metodológica”. In: VII Congresso Português de Sociologia. Porto: Universidade do Porto. Disponível em: http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0270_ed.pdf. Acesso em: 12 jul. 2017.
- BEAL, B. (1996). Alternative masculinity and its effects on gender relations in the subculture of skateboarding. **Journal of Sport Behavior**, 19(3), 204-220.

⁷ Termo utilizado pelos *bikers* quando um praticante, melhor condicionado fisicamente, chega primeiro, em relação à outro (s) em uma prova ou treino.





BRUHNS, H. T. **Lazer e meio ambiente**: A natureza como espaço da experiência. Campinas: Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Conexões: educação, esporte, lazer, Número 3, dez. 1999.

FORD N and BROWN D (2006) **Surfing and social theory. Experience, embodiment and narrative of the dream glide**. London and New York: Routledge.

KAY J.; LABERGE S 'Mandatory equipment'. Women in adventure racing. In: Wheaton B (ed) **Understanding lifestyle sports. Consumption, identity and difference**. London: Routledge, pp.154-174, 2004.

LARENDEAU J.; SHARARA N. (2008) Women could be every bit as good as guys. Reproductive and resistance agency in two 'action' sports. **Journal of Sport and Social Issues** 32(1): 24-47.

MALINOWSKI, B. (1978). **Argonautas do Pacífico Ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia (Série Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural.

MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano 7, n. 13, p. 5-18, 2000/2.

THORPE, H. (2005). Jibbing the gender order: Females in the snowboarding culture. **Sport in Society**, 8(1), 76-100.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

